

33° Reunião Brasileira de Antropologia

GT44: Gênero, geração e saúde: experiências, narrativas e itinerários

Percepções das juventudes sobre o envelhecimento.

Daiany Cris Silva

SEED – RR; FIOCRUZ¹

Resumo: O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983) defendeu que a fronteira entre a juventude e a velhice é razão de disputa em todas as sociedades e, portanto, definir que alguém é jovem ou é velho significa impor limites e criar ordens, no entanto, considerando que esses limites já estão postos socialmente, e que eles organizam a nossa sociedade tal como a conhecemos, o movimento de perceber como os agentes de um determinado grupo, as juventudes, nesse caso, elabora e projeta o seu curso da vida, nos permite compreender os fluxos geracionais presentes na atualidade. Desse modo, em busca de possibilitar essa compreensão, a presente comunicação propõe uma discussão sobre as percepções das juventudes brasileiras com relação ao envelhecimento. Para tanto, coloca-se como principal questão a compreensão de como as juventudes elaboram suas perspectivas sobre o envelhecimento, ou seja, como elas pensam e se pensam nesta fase considerada a última do ciclo da vida, considerando as condições sociais que possibilitam a sua longevidade na sociedade brasileira. Amparada pelo campo de estudos geracionais e as contribuições do sociólogo Karl Mannheim (1982), a presente discussão apresenta como principal norteador teórico o conceito de geração, que é considerado pelo autor como uma formação estrutural dos grupos etários diante de um compartilhamento histórico, que é atravessado por diversos elementos como: raça, classe, gênero, orientação sexual, posicionamentos políticos, dentre outros.

Palavras - Chave: Geração; Juventudes; Envelhecimento.

1 O presente trabalho possui financiamento concedido pela Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico em Saúde- Fiotec, por meio do projeto de pesquisa “Educação popular em saúde: ciência, juventudes e território” que integra a Agenda Jovem da Fundação Oswaldo Cruz/FIOCRUZ.

Introdução.

“Eu quero ser para sempre como sou hoje. Eu quero ser um menino para sempre”. Assim se inicia a introdução da música For Youth dos Bangtan Boys, a famosa banda sul coreana mais conhecida como BTS, grupo que possui forte presença no cotidiano de jovens de todo o mundo. Essas frases ditas em coro são seguidas pela seguinte afirmação: “Ah! Nós somos jovens para sempre”. Os versos que seguem se referem a uma amizade que se construiu no decorrer de anos e que se mostra essencial a trajetória do eu lírico, no entanto, o que mais me chamou a atenção na canção não são as lições sobre amizade, e sim a demonstração de um desejo de se manter em uma eterna juventude e a nostalgia que se impõe sobre uma fase da vida que ainda não se foi, mas que a falta dela já é sentida.

“For Youth” pode ser vista como uma ilustração de como as juventudes constroem suas perspectivas sobre o envelhecimento, se é que essas perspectivas no sentido da expectativa são construídas, dado ao fato de que a vivência da juventude por vezes é supervalorizada, seja em razão da sua efemeridade ou pelo conjunto de oportunidades que parecem existir apenas nessa fase da vida.

Há pessoas idosas, por exemplo, que costumam dizer que apesar de estarem velhas não se sentem assim pois possuem uma mentalidade jovem, o que apresenta uma dicotomia entre corpo e mente. O corpo como a faceta do envelhecimento, que se remete ao adoecimento, e a mente é a juventude, que representa o movimento de uma vida pública, agitada social e politicamente (SILVA, 2020, p. 91). A busca por uma juventude eterna e o cultivo desse significado aponta para uma juvenilização das idades que insiste em se difundir na atualidade, assim como afirma Alda Motta (2012).

Além disso, seria possível refletir sobre qual seria o impacto da adesão de discursos como esses por grupos musicais que possuem tamanho impacto cultural como o BTS. Nesse sentido, penso que desejar ser jovem para sempre denota uma negação sobre o que está por vir, a velhice.

No entanto, eu não poderia afirmar categoricamente que essa é realmente a maneira como todos as pessoas jovens pensam sobre isso, posso apenas explorar a relevância que tais discursos possuem sobre como as nossas juventudes constroem significados diante das diferentes fases da vida, portanto, nosso objetivo principal aqui é dimensionar quais seriam as possíveis perspectivas das gerações mais jovens para o envelhecimento.

No texto “A juventude é só uma palavra” o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983) defende que a fronteira entre a juventude e a velhice é razão de disputa em todas as sociedades e, portanto, definir que alguém é jovem ou velho significa impor limites e criar ordens (COSTA, LIMA e SILVA, 2017). Porém, assim como percebemos no trecho da canção citada acima, ou em nossas dinâmicas cotidianas que envolvem os cuidados com a saúde e as nossas definições de projetos de vida, devemos considerar que esses limites já estão postos socialmente, e que eles organizam a nossa sociedade tal como a conhecemos.

Diante disso, se faz importante para a análise social o movimento de perceber como os agentes de um determinado grupo, as juventudes aqui no nosso caso, elaboram e projetam o curso da vida, esse movimento nos permite sobretudo compreender os fluxos geracionais presentes na atualidade.

Desse modo, em busca de possibilitar essa compreensão, proponho uma discussão sobre as percepções das juventudes brasileiras com relação ao envelhecimento. Ainda que de modo exploratório meu objetivo é compreender os condicionantes para a projeção de futuro das gerações mais jovens, de modo a dimensionar quais são as suas possibilidades e perspectivas, principalmente com relação a longevidade e velhice. Assim como define Carmen Leccardi (2005), escolho compreender o futuro como um espaço para a construção de um projeto de vida e, ao mesmo tempo, para a definição de si: projetando que coisa se fará no futuro, projeta-se também, paralelamente, quem se será (LECCARDI, 2005, p. 36).

Seguidamente, proponho uma reflexão sobre como a construção de um situação geracional é mais complexa do que uma definição analítica de categorias, pois, tanto a juventude quanto a velhice não são só palavras, são signos sociais. MARGULIS e URRESTI (1996) ao defender esse posicionamento, de que a juventude é mais que uma palavra, pode parecer contrariar a afirmação de Bourdieu (1983) sobre o tema, no entanto, não há discordâncias sobre um fator crucial: a definição etária e os valores aferidos a ela são um fator de disputa social (MARGULIS e URRESTI, 1996).

Nesse sentido, destaca-se a geração como uma formação estrutural dos grupos etários, assim como afirmou um dos pioneiros dos estudos geracionais Karl Mannheim (1982), que demonstra que diante de um compartilhamento histórico, atravessado por pertencimentos, os quais compreendo como pertencimentos de raça, classe, gênero, sexualidade, posicionamentos

políticos, dentre outros. Essa estrutura poderia, desse modo, moldar processos determinantes para a vida em sociedade.

Contudo, a esperança de ser jovem para sempre pode não estar no horizonte de todas as juventudes, principalmente se reconhecemos que as condições para a vivência dessa fase da vida podem não ser favoráveis em determinadas condições sociais. Ao considerar esse contexto, pretendo concluir discutindo sobre indicadores sociais relacionados as juventudes brasileiras para que a reflexão teórica proposta nesta comunicação possa ganhar corpo e ser mobilizada diante da nossa realidade social.

Os estudos geracionais e a compreensão de parâmetros de perspectivas no curso da vida.

Ao reconhecermos que as definições de categorias como o ser jovem ou velho são fatores de disputa social, nos cabe compreender como se articulam essas definições na concepção sobre o que são as diferentes gerações e como elas se constituem. Se por um lado há definições que se articulam diante da perspectiva geracional difundida pela cultura organizacional (CAVAZOTTE; LEMES; VIANA, 2012), que divide as gerações entre *baby boomers*, geração X, Y e Z, e se baseiam em determinações comportamentais gerais ou cronológicas, associadas ao desenvolvimento das tecnologias de informação, de outro há definições sociológicas que consideram a formação estrutural dos grupos etários diante de um compartilhamento histórico, que é atravessado por diferentes fatores e condições sociais, assim como a definição de Karl Mannheim (1982).

Mannheim (1982) quando apresenta a existência de problema sociológico das gerações propõe que o processo de formação de uma geração possui características estruturais para a organização social e, portanto, a estrutura geracional colabora para o condicionamento do comportamento das pessoas que convivem em sociedade. Dessa maneira, compreender sociologicamente as gerações possibilitaria visualizar os caminhos percorridos pela humanidade durante o seu desenvolvimento social (SILVA, 2022, p. 36).

Segundo Mannheim (1982), a geração se constitui por três ramificações: posição geracional, conexão geracional e unidade geracional. Essas três categorias nos permitem conhecer diversos condicionantes, como a construção de significados sociais, tendências comportamentais e diferentes pertencimentos sociais, que compreendo como diferenças

regionais, de classe, raça, gênero e etnia, que complexificam a formação geracional e a dinamizam, ou seja, agregam-se ao tempo histórico as diversidades de condições sociais.

Nesse sentido, pensar sobre geração, independentemente de que lado estamos nos referindo, seja com relação as juventudes ou as velhices, é sim mais do que definir palavras. De acordo com MARGULIS e URRESTI (1996):

“Juventude não é só um estado ou condição social, é um simbolismo que carrega traços característicos de uma estética comercializável, diante de valores dominantes que utilizam esse símbolo como algo desejável e passível de ser alcançado” (MARGULIS e URRESTI, 1996, p. 01, tradução livre da autora).

No que se refere a velhice, compreender que essa categoria não se trata de uma determinação biológica, apenas um curso natural da vida, é essencial para se politizar os debates no entorno dos problemas sociais causados com relação ao envelhecimento, como fenômenos como o etarismo, ou idadismo, definido pela OMS como o conjunto de estereótipos, preconceitos e discriminação relacionados com a idade (OMS, 2022), para tanto, a compreensão de que a velhice é socialmente construída é essencial (DEBERT, 1998)

Nesse sentido, Guita Debert (1998), afirma que:

Na perspectiva antropológica, mas também do ponto de vista da pesquisa histórica devemos ressaltar as representações sobre a velhice, a idade a partir da qual os indivíduos são considerados velhos, a posição social dos velhos e o tratamento que lhes é dado pelos mais jovens ganham significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos (DEBERT, 1998, p. 8).

Considerando o exposto, percebemos que a supervalorização da juventude na conjuntura atual compõe um conjunto de signos que não são desprezíveis, há um posicionamento sistemático muito bem definido. Um fato exemplar nesse sentido foi a determinação da OMS que previa que na 11ª revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-11) incluiria o envelhecimento como uma enfermidade, no entanto, a organização recuou da decisão, que iria vigorar a partir de janeiro de 2022, após a má recepção dos especialistas. O posicionamento da OMS nesse caso foi de encontro com o discurso anti-idade que busca relacionar a velhice ao adoecimento.

O discurso anti-idade pode ser entendido por meio dos programas de saúde intitulados *anti-aging*, que segundo TZIMINADIS (2021): “promovem toda uma proposta de reformulação médica, que propõe uma nova concepção do envelhecimento como um processo patológico que ocorre ao longo da vida passível de intervenção” (TZIMINADIS, 2021, p. 49).

O autor demonstra a velhice relacionada ao findar da vida, o que gera técnicas médicas que buscam domesticar a morte, estabelecendo que quem deve limitar ou permitir a ocorrência da morte é a tecnologia.

Para TZIMINADIS (2021): “o programa *anti-aging* não só domestica a morte como também domestica o significado da presença da morte em nossas vidas (TZIMINADIS, 2021, p. 53). E assim, retomamos a reflexão sobre como a nossa relação com os grupos etários são definidas na construção de significados.

Contudo, devemos nos atentar a compreensão de que apesar da existência de iniciativas que buscam controlar aspectos que inicialmente podem ser vistos como incontroláveis, como é o caso da morte na velhice, a construção desses significados podem muitas vezes não ser o suficiente para conter as imposições da realidade de riscos que são iminentes no mundo contemporâneo.

Nesse sentido, devemos reconhecer que vivemos em uma sociedade de riscos, assim como já defendeu o sociólogo Ulrich Beck (2011), formada por riscos imponderáveis mas humanamente produzidos como as mudanças climáticas (LECCARD, 2005, p. 44), dentre outros condicionantes que são vivenciados por meio de crises econômicas e sanitárias, que possuem um maior peso a depender da condição de classe nos grupos sociais. Esse fato pode influenciar nossa relação com as diferentes fases da vida, assim como afirma Leccardi (2005):

Em uma época de riscos globais como a nossa, portanto, interrompesse o imponente processo de “colonização do futuro” posto em marcha pela primeira modernidade. O futuro foge de nosso controle, com repercussões profundas nos planos político e social. A nova realidade produzida pela difusão de riscos globais transforma o futuro da terra prometida num cenário pintado com tintas foscas, se não abertamente ameaçadoras, para a existência coletiva. (LECCARD, 2005, p. 44)

Nesse sentido, seria possível afirmar que as novas gerações, que se formam no bojo da implosão de riscos iminentes em nossa sociedade, estão sendo afetadas diretamente com relação as suas perspectivas de vida, principalmente no que se refere as suas projeções para o futuro, tendo em vista esse futuro incerto e pouco estável.

Ademais, é fundamental entendermos como os agentes vivenciam a sua trajetória a partir dos seus diferentes pertencimentos. Porém, o fato de nos atermos às particularidades das variadas experiências dos agentes não elimina a possibilidade analítica de pensarmos as geração a partir de “certos universais”. Isso é o que defendem Margulis e Urresti (1996), quando relacionam o investimento dos jovens em situações de risco com o fato destes se

perceberem distantes da morte, ou seja, haveria algumas "respostas sociais" dadas pelos jovens que se produziriam a partir de uma condição existencial compartilhada (BARBOSA, 2007).

Ressalto esse contexto, da nossa relação com o findar da vida, como uma alusão a maneira como construímos perspectivas em nossas trajetórias, no sentido do que esperamos viver na fase considerada a última, a velhice.

Um fato que se mostra relevante é que, como apontam Margulis e Urresti (1996), as gerações mais jovens tendem a não temer os riscos presentes em nossa realidade, e eu arriscaria afirmar que isso nos impede de pensar sobre a chegada da velhice, justamente pela característica da modernidade contemporânea que: “nos obrigou a confrontar a impossibilidade da ideia de controle” (LECCARDI, 1999 apud LECCARDI, 2005, p. 43). E quando se é velho, por estar mais próximo de um fim, surgem iniciativas que pretendem alcançar esse controle de modo a dominar nossos corpos, buscando um possível tratamento do envelhecimento.

Dessa forma, compreendo que a nossa cultura têm produzido respostas à mortalidade, que bucam controlar a presença da morte na vida, assim como afirma Tziminadis (2021), o autor defende ainda que: “em sociedades modernas, [a presença da morte na vida] é mediada, a um só tempo, pela sua dessimbolização e domesticação técnica da morte” (TZIMINADIS, 2021, p. 59). Perceba que essas respostas influenciam diretamente sobre as nossas perspectivas com relação ao futuro, e conseqüentemente sobre as percepções das juventudes sobre o envelhecimento.

Nesse sentido, concordo com Margulis e Urresti (1996):

Jovens sentem-se longe da morte, também da velhice e da doença. Este fato é objetivo, na medida em que sua chance de adoecer ou morrer é menor; mas também é experiencial, há uma sensação de invulnerabilidade, de afastamento da morte, de alteridade em relação a ela, que é condicionada pela convivência e contemporaneidade com membros adultos da família, com pais e avós, com gerações passadas. (MARGULIS e URRESTI, 1996, p. 04, tradução livre da autora).

Os significados que construímos sobre a velhice, a relacionando ao adoecimento, e na percepção de que podemos ser jovens para sempre, jovens inabaláveis e eternos viventes do agora, repercutem sobre as nossas projeções para o futuro, que por sua vez podem reduzir a nossa perspectiva de alcance a longevidade e a possibilidade de planejar um projeto de vida para a velhice.

Carmen Leccardi (2005) ao analisar os significados do futuro demonstra que em um dado momento da história, quando construímos a modernidade, visualizávamos um futuro em aberto, cheio de possibilidades, porém, na modernidade contemporânea o futuro é indeterminado e indeterminável, governado pelo risco (LECCARDI, 2005, p.43). Diante disso, o vislumbrar de uma vida estável perde o valor quando não visualizamos que isso seria algo que possa durar, ou até mesmo algo que seja possível para as novas gerações.

Essa é uma das cisões que são bastante discutidas na cultura organizacional quando se analisa as relações entre as gerações classificadas como y, x e z com relação aos babyboomers e gerações anteriores, enquanto os últimos desejam empregos estáveis e carreiras de sucesso com constância, os primeiros desejam movimento novidade e criatividade (CAVAZOTTE; LEMES; VIANA, 2012).

Há quem diga que isso se dá pela chegada das tecnologias digitais que impõem novos padrões comportamentais, no entanto, tendo a acreditar que isso se dá pelas mudanças na conjuntura do sistema social relacionados as estruturas do mercado de trabalho.

As novas gerações vão buscando maneiras de conviver com o contexto de riscos e as incertezas sobre o futuro:

Em uma época na qual o futuro a médio e longo prazos não pode ser discutido sem suscitar preocupações e, com frequência, um sentimento de verdadeiro temor, um método de ação baseado no “avaliar a cada vez”, no “quando as portas se abrem para mim, devo procurar não fechá-las”, no “aproveitar as oportunidades no momento em que aparecem”, pode representar uma estratégia racional para transformar a imprevisibilidade e em uma chance de vida, para transformar a opacidade do futuro em uma oportunidade para o presente, para dispor-se positivamente diante do futuro (LECCARDI, 2005, p. 53).

Contudo, nos cabe refletir sobre quais juventudes podem viver e projetar a vida para o futuro e “aproveitar as oportunidades”. Considerando que os fatores de uma sociedade de riscos constituem diferenças de classe, por exemplo, assim como afirma Ulrick Beck (2011), e podemos adicionar a esse contexto os pertencimentos de gênero, étnico-raciais ou regionalidade, dentre outros.

MARGULIS e URRESTI (1996), destacam que há um importante definidor dos espaços da juventude, a moratória social, que sobretudo é mais recorrente entre jovens da elite. Segundo (MARGULIS e URRESTI, 1996), compreende-se como moratória social um período da vida em que se permite postergar diversas exigências sociais, tais como trabalho,

matrimônio, ter filhos e formar o próprio lar, e há nessa condição especial tolerância para com o comportamento juvenil (MARGULIS e URRESTI, 1996). Nesse sentido, se uma trajetória se constrói em uma espaço de juventudes que não possuem sequer o privilégio de uma moratória social para a vivência do presente, como seria possível projetar essa trajetória em perspectiva para o futuro e a vivência do envelhecimento?

Um estudo realizado pelo Centro de Políticas Públicas da FGV Social, no Rio de Janeiro, demonstra que em 2020 28% da juventude brasileira teve algum problema financeiro para arcar com os gastos de alimentação. Segundo o IBGE, em dados da PNAD contínua do 2º trimestre de 2022, no recorte por idade, a taxa de desocupação de jovens de 18 a 24 anos recuou. Era 22,8% no 1º trimestre e foi para 19,3% no 2º trimestre, no entanto, permanece em índices bastante consideráveis. Esses dados demonstram que há uma condição de insegurança socioeconômica para as gerações de jovens residentes no Brasil.

Além da insegurança econômica há um desolador contexto de violência para com as nossas juventudes, de acordo com o Atlas da Violência de 2021, publicado pelo IPEA, 333.330 adolescentes e jovens assassinados, com idade de 15 a 29 anos, entre 2009 e 2019 constituíram 53% das vítimas de homicídio no período de 2019. Configurando os riscos que estão presentes também com relação a seguridade da vida das juventudes.

Se regionalizamos os dados com relação à distribuição de homicídios por estado, o Estado de Roraima se destaca por ter um dos maiores números e as taxas mais altas de homicídios (por 100 mil habitantes), com índice entre 41 e 57. Embora tenham ocorrido variações entre um ano e outro, Roraima ocupava a liderança com a maior taxa do país em 2018 (142,5), enquanto, no ano seguinte, o valor decresceu mais que a metade, chegando a 62 homicídios por 100 mil jovens (-56,5%). Ao realizar o recorte de gênero, visualizamos um índice de 12,5% em Roraima, que esteve em 1º lugar em Taxa de Homicídios por 100 mil Mulheres nas UFs em 2019. O estado compõe o ranking com outros dois estados da região norte, Acre e Amazonas. Dentre as mulheres acometidas por homicídios em Roraima, 60% dos índices eram constituídos por mulheres negras e 40% por mulheres brancas.

Os indicadores sociais apresentados demonstram que para além a construção de significados que cercam as definições sobre as juventudes e as velhices podem influenciar

sobre como pensamos e articulamos essas categorias politicamente, porém, a realidade se impõe com seus riscos e determinações que podem sufocar toda e qualquer expectativa sobre o futuro, e conseqüentemente configuram a possibilidade de longevidade para determinados grupos sociais.

Diante do exposto, é possível perceber que o desejo e a esperança de ser jovem para sempre pode não estar no horizonte de todas as juventudes, principalmente as brasileiras, se reconhecemos que as condições para a vivência dessa fase da vida podem não ser favoráveis em determinados contextos. E os significados que se constroem no entorno das diferentes fases da vida podem proporcionar uma aproximação ou distanciamento do ideal do que é ser jovem.

Dessa forma, a questão que fica é: como as realidades das juventudes são atravessadas por esse cenário?

Nesse sentido, destaco a importância de ouvir relatos de experiências que dão substância a todos esses dados que são alarmantes e atingem as perspectivas de longevidade das juventudes. Dessa forma, tomar contato com as juventudes e ouvir como elas se pensam com relação a velhice é o meu próximo passo na construção da minha pesquisa com a Agenda Jovem FIOCRUZ, processo analítico que incentivou a reflexão contida aqui. Centralizando a análise com interlocutores da cidade de Boa Vista – RR, pretendo dimensionar em alguma medida essas discussões, que de maneira exploratória me dediquei a discutir aqui.

Conclusão

Nesta comunicação buscamos compreender como os estudos geracionais colaboram para a compreensão dos parâmetros de perspectivas no curso da vida, principalmente no que se refere a construção de significados que podem influenciar sobre o que esperamos das diferentes fases da vida. Seja com relação a como lidamos com as pessoas de diferentes gerações, ou sobre as técnicas que desenvolvemos para controlar os discursos sobre a condição geracional, principalmente ao que se refere a definição da velhice como sinônimo de patologia.

Afirmo, portanto, que compreender a geração como uma construção social estruturante em nossa sociedade, diante de perspectivas que permitem a análise dos nossos diversos

pertencimentos, é essencial para que possamos visualizar a criação desses significados no corpo social.

Diante disso, nos cabe compreender os condicionantes para a projeção de futuro das gerações mais jovens, de modo a dimensionar quais são as suas possibilidades e perspectivas, principalmente com relação a longevidade e velhice.

Bibliografia

BARBOSA, Alexandre Pereira. **Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas Ciências Sociais**. Ponto Urbe, 1, 2007.

BECK, ULRICH, **Sociedade de Risco, rumo a outra modernidade**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra**. IN: BOURDIEU, Pierre (colt.) *Questões de Sociologia*, Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, p.p.112-121, 1983.

CAVAZOTTE, Flávia de Souza Costa Neves; LEMOS, Ana Heloisa da Costa; VIANA, Mila Desouzart de Aquino. **Novas gerações no mercado de trabalho: expectativas renovadas ou antigos ideais?**. Cad. EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, mar. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cebape/a/FmBGffbptmkDHngwssHds4b/?lang=pt&format=pdf> >. Acesso em: 27/08/ 2021.

DEBERT, Guita. Grin. **Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice**. In: DEBERT, Guita. Grin. (org.) *Antropologia e Velhice*. Campinas: Textos Didáticos do IFCH/UNICAMP, no 13, p. p. 7-27, 1998.

LECCARDI, Carmen. **Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2 2005. pp. 35-57

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PNAD contínua 2º Trimestre de 2022**. Disponível em: <https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Comentarios_Sinteticos/2022_2_trimestre/pnadc_202202_trimestre_fluxos_mercado_trabalho.pdf > Acesso dia 25 de agosto de 2022.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da violência 2021**. Brasília – DF: Ipea; Livraria Ipea, 2020. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf>>. Acesso dia 25 de agosto de 2022.

NERI, Marcelo e HECKSHER, Marcos. “**Jovens: Percepções e Políticas Públicas**”, Rio de Janeiro, RJ – Junho de 2021 - FGV Social – 50 páginas - Parte integrante do Projeto Atlas das Juventudes. Disponível em:<<https://www.cps.fgv.br/cps/bd/docs/TEXTO-Percepcoes Atlas FGV-Social Marcelo-Neri.pdf>>, Acesso dia 08 de fevereiro de 2022,

MANNHEIM, K. **O problema sociológico das gerações** in: Marialice M. Foracchi, Karl Mannheim: Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1982.p. 67- 95.

MARGULIS, M; URRESTI, M. **La juventude és mas que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MOTTA, Alda Britto da. **A juvenilização atual das idades**. Caderno Espaço Feminino - berlândia-MG - v. 25, n. 2 - Jul./Dez. 2012 – ISSN online 1981-3082

OMS, Organização Mundial da Saúde. **Relatório mundial sobre o idadismo**. Washington, D.C.: Organização Pan-Americana da Saúde; 2022. Licença: CC BY-NC-SA 3.0 IGO. <https://doi.org/10.37774/9789275724453>.

PERES, Maria Fernanda Tourinho; RUOTTI, Caren. **Violência urbana e saúde**. Revista USP, São Paulo, nº 107, p. 65-78, outubro/novembro/dezembro, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/115114/112819>> Acesso dia 25 de agosto de 2022.

SILVA, Daiany Cris. **Envelhecendo em movimento: relatos de experiências femininas**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas e Artes, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Maringá, PR, 2020.

SILVA, Daiany Cris. “**Juventudes contemporâneas: sobre conflitos geracionais e processos de socialização, ou seria neutralização?**” In: Estudos interdisciplinares em

comunicação e mediações culturais: tensões contemporâneas. [E-book]. / Organizadores: Aclyse Mattos et al. – São Leopoldo, RS: Oikos, 2022.

SILVA, D. C.; LIMA, J. I. ; DOURADO, S. P. C. . **Juventude e Envelhecimento: reflexões sobre participação política a partir do recorte geracional.** In: Carla Gadini Giani Martelli; Maria Chaves Jardim; Éder Rodrigo Gimenes. (Org.). Participação política e democracia no Brasil contemporâneo. 1ed.São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2018, v. , p. 34-48.

TZIMINADIS, João Lucas. **A domesticação técnica da morte: anti-aging como projeto existencial.** Civitas 21 (1): 48-58, jan.-abr. 2021